

BEM VIVER

MARIA TEREZA CORREIA/EM/D.A.PRESS



OPERAÇÃO DELICADA

O cirurgião Afrânio Donato Freitas faz reimplantes de mão.

PÁGINA 5



A ATRIZ JÚLIA LUND, QUANDO ESTÁ EM MINAS, VISITA O TIO-AVÓ ANTONIO LUIZ SODRÉ, NA COMUNIDADE ESTHER ASSUMPÇÃO, EM BETIM

LUCINHA FRANÇA/DIVULGAÇÃO

MAIS AMOR E MENOS TRAUMAS

PORTADORES DE SOFRIMENTO MENTAL ESTÃO EXPERIMENTANDO NOVAS FORMAS DE TRATAMENTO, SEM A NECESSIDADE DE CHOQUES ELÉTRICOS, SEDAÇÃO OU INTERNAÇÃO HOSPITALAR

DÉA JANUZZI

A gastronomia não se esconde mais em restaurantes sofisticados ou festins internacionais. Em Ouro Preto, cidade mineira Patrimônio da Humanidade, título concedido pela Unesco, portadores de sofrimento mental estão experimentando um jeito diferente de tratamento, sem choques elétricos, internação hospitalar ou sedação. O coordenador do Serviço de Saúde Mental de Ouro Preto, Carlos Eduardo Nunes Pereira – mais conhecido como Kako Nabuco –, implantou, entre outras oficinas terapêuticas, a de culinária. Convidou a chef Vânia Amaral para ministrar as aulas.

Durante cinco anos, Vânia provou que cozinhar é mais do que misturar ingredientes na panela. No dia da primeira aula, ela resolveu fazer o pão com 18 portadores de sofrimento mental, em sua maioria psicóticos. “Escolhi o pão por ser um símbolo forte, permitir um trabalho coletivo e estar ligado à memória afetiva de cada um. E aconteceu: foi um momento mágico. Quando eles receberam a massa do pão, se encantaram. Um vinha e fazia um furinho com o dedo, outro se debruçava sobre a massa, um terceiro sovava o pão sem

parar. Cada um enrolou e trabalhou o pão de uma forma diferente. Até pensei que os pães não iam crescer, mas não é que aconteceu a magia? Todos os pães cresceram uniformemente. Ficaram belos e saborosos. Aí, pensei: ‘Não tem lógica. É o verdadeiro milagre do pão. É da esfera do sagrado!’”, recorda-se ela da primeira experiência com os portadores de sofrimento mental do Centro de Assistência Psicossocial (CAP) de Ouro Preto.

Depois do pão vieram as massas, a comida do dia a dia, as ervas e raízes encontradas nos quintais das casas, uma mistura capaz de curar as dores do corpo, da mente e da alma. “É o afeto catalisador, que desperta sensações, paladares, gosto, cheiro, que ativa a memória e ordena interiormente, transformando a vida de cada um. Os portadores de sofrimento mental descobriram na culinária o começo da cura.” Este ano, Vânia se prepara para implantar o projeto da cozinha industrial na Chácara de Água Limpa, ex-Solar Diogo de Vasconcelos, hoje Casa dos Artistas, onde fica o CAP. “A partir daí, os portadores de sofrimento mental não só vão participar das oficinas terapêuticas de culinária, mas produzir alimentos para a comunidade.”

Com afeto e acolhimento também há em Minas

um lugar onde os portadores de necessidades especiais podem envelhecer com dignidade: a Associação de Proteção ao Excepcional ou Comunidade Esther Assumpção, em Betim, na Região Metropolitana de BH. É o caso de Antonio Luiz Sodré, que sempre recebe a visita das irmãs e da sobrinha-neta e atriz Júlia Lund, numa casa para portadores de necessidades especiais, em Betim.

Preocupada com a filha Francine, de 52 anos, portadora da síndrome de Down, a gaúcha Lilian Bloch e o marido já falecido, Pierre André, de nacionalidade francesa, procuraram um lugar até em Paris para ela ficar, se caso viessem a faltar um dia. Em 1994, um pouco antes de Pierre adoecer gravemente por causa de um câncer, eles acharam esse espaço em Minas. Meses depois, Pierre morreu, mas sua busca por esse lugar especial para a filha continuou. “Para mim é o lugar ideal, pois Francine se sente bem em todos os sentidos e vem me visitar no Rio de Janeiro, duas vezes ao ano. Neste momento, ela está passando o Natal e o ano-novo comigo, no apartamento do Leblon”, confirma a mãe.

LEIA MAIS SOBRE CAMINHOS DA INCLUSÃO
PÁGINAS 3 E 4